

Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

Documento educacional - Juliano Moreira

Gerado em: 20/04/2026, 02:46:33 | Versão pipeline: 1

Com base no documento de pesquisa fornecido, aqui está o material pedagógico sobre Juliano Moreira.

****BLOCO 1 — Quem foi Juliano Moreira****

Imagine um Brasil recém-saído da escravidão, onde a ciência mais respeitada do país, ensinada nas faculdades de medicina, afirmava que ser negro e mestiço era um sinal de degenerescência, uma predisposição biológica à loucura e ao crime. Agora, imagine um homem negro, de origem humilde, nascido na Bahia em 1872, que não apenas se forma médico aos 19 anos, mas se torna a principal figura a desafiar e demolir essa estrutura de racismo científico de dentro para fora. Esse homem foi Juliano Moreira.

A história de Juliano Moreira não é apenas a de um médico genial; é a de um estrategista que lutou contra um sistema que o via como fundamentalmente inferior. Enquanto seus colegas, como Nina Rodrigues, usavam a ciência para justificar a hierarquia racial, Moreira usava o mesmo método científico para provar que estavam errados. Ele assumiu a direção do maior hospício do país, o Hospício Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, e sua primeira ação foi simbólica e revolucionária: ele aboliu o uso de grades nas janelas e de correntes para imobilizar os pacientes, que em sua maioria eram pessoas negras e pobres como ele. Para Moreira, a doença mental não era uma sentença de raça, mas uma condição humana que exigia cuidado, higiene e dignidade.

Ele não se contentou em apenas tratar os doentes; ele reformou todo o sistema. Propôs leis, fundou sociedades científicas, introduziu a psicanálise no Brasil e defendeu que fatores sociais, como pobreza e falta de acesso à educação — e não a cor da pele —, eram as verdadeiras causas de sofrimento psíquico. Sua trajetória nos força a enxergar a história da ciência e da medicina no Brasil não como um campo neutro, mas como um campo de batalha onde a própria definição de humanidade estava em jogo. A vida de Juliano Moreira nos pergunta: de que serve a ciência se ela não for usada para afirmar a dignidade de todos?

****BLOCO 2 — Contexto histórico****

Juliano Moreira viveu no coração da Primeira República (1889-1930), um período de profundas contradições. A abolição da escravatura em 1888 libertou milhões de pessoas negras, mas o Estado brasileiro não ofereceu qualquer política de integração social, econômica ou educacional. O resultado foi um processo de exclusão sistemática: massas de ex-escravizados e seus descendentes migraram para as cidades, como Salvador e Rio de Janeiro, vivendo em condições de extrema pobreza e com taxas de analfabetismo que chegavam a 80% entre a população negra no início do século XX.

Nesse cenário, o racismo científico, importado da Europa, encontrou terreno fértil. Teorias como o darwinismo social e a eugenia eram amplamente aceitas na academia e na medicina brasileiras. Intelectuais como Nina Rodrigues, na Bahia, defendiam que a miscigenação levava à "degenerescência" física e mental, associando diretamente a negritude e a mestiçagem a patologias, criminalidade e instabilidade psíquica. Os hospícios, como o Hospício Nacional de Alienados, eram o reflexo dessa ideologia: superlotados, insalubres e violentos, funcionavam como depósitos para os indesejados da sociedade, majoritariamente negros e pobres, que eram frequentemente acorrentados e tratados sem qualquer dignidade humana. Para um homem negro ingressar e se destacar na medicina, era preciso não apenas superar as barreiras econômicas, mas também lutar diariamente contra uma ciência que o definia como um problema.

****BLOCO 3 — Contribuições em detalhe****

A trajetória de Juliano Moreira foi marcada por uma série de feitos que, juntos, não apenas modernizaram a psiquiatria brasileira, mas a reorientaram para uma base humanista e antirracista.

Humanização do tratamento psiquiátrico (1903-1930): Ao assumir a direção da Assistência aos Alienados e do Hospício Nacional no Rio de Janeiro em 1903, Moreira encontrou um cenário de horror. Sua gestão foi uma ruptura radical. Ele imediatamente proibiu o uso de coletes de força e correntes, retirou as grades das janelas e implementou práticas de assepsia, terapia ocupacional e registros médicos individualizados. Essa não foi uma mera reforma administrativa; foi uma declaração política. Ao tratar os internos — em sua maioria negros e pobres — como pacientes e não como animais, ele contestava na prática a ideologia que os desumanizava.

Fundação da Psiquiatria Científica no Brasil: Moreira foi o principal arquiteto da psiquiatria como um campo científico moderno no país. Em 1905, ele cofundou a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins e o primeiro periódico da área, os "Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins". Com esses instrumentos, ele criou uma plataforma para difundir novas ideias e formar uma nova geração de médicos, educados fora da lógica do racismo científico. Ele também foi pioneiro na introdução das ideias de Sigmund Freud no Brasil, ministrando uma conferência sobre a psicanálise já em 1899, mostrando sua conexão com o que havia de mais avançado no pensamento europeu.

Combate Intelectual ao Racismo Científico: A contribuição mais profunda de Moreira foi sua refutação sistemática do determinismo racial. Poliglota autodidata, ele lia os psiquiatras alemães, como Emil Kraepelin, no original e usava suas teorias para argumentar contra a escola francesa, que era a base do pensamento de Nina Rodrigues. Moreira defendia que as doenças mentais tinham causas multifatoriais, incluindo fatores orgânicos, psicológicos e, crucialmente, sociais e ambientais. Ao fazer isso, ele deslocou o debate da "raça" para as "condições de vida", argumentando que a solução não era a segregação ou o controle eugênico, mas a melhoria da saúde pública, da higiene e da educação para todos.

Modernização da Legislação e da Estrutura de Assistência: Juliano Moreira não se limitou ao trabalho clínico e acadêmico. Ele usou sua influência para mudar a lei. A Lei de Assistência aos Alienados, aprovada em dezembro de 1903, foi diretamente influenciada por ele e estabeleceu as primeiras normas para a internação e o tratamento de pessoas com transtornos mentais no Brasil. Além disso, ele expandiu a rede de assistência, criando colônias agrícolas de reabilitação (como a de Jacarepaguá, em 1924) que ofereciam terapia pelo trabalho, e o Manicômio Judiciário (1911), separando os internos com histórico criminal para oferecer tratamento mais adequado a cada perfil.

****BLOCO 4 — Por que isso importa hoje****

A luta de Juliano Moreira ecoa diretamente nos debates mais urgentes do Brasil contemporâneo. Sua defesa de uma psiquiatria que considera o contexto social e cultural do paciente é um pilar da moderna reforma psiquiátrica e do movimento de luta antimanicomial. Ele demonstrou, há mais de um século, que enclausurar e isolar não é tratar. Hoje, quando discutimos a saúde mental da população negra, o trabalho de Moreira é uma referência fundamental, lembrando-nos que o racismo é um fator de adoecimento psíquico e que o sistema de saúde precisa ser treinado para reconhecer e combater vieses raciais no diagnóstico e no tratamento.

O legado de Moreira é carregado por coletivos de psicólogos e psiquiatras negros que continuam a denunciar o racismo na saúde mental e a construir práticas de cuidado racialmente conscientes. Sua história de ascensão contra todas as probabilidades também serve de inspiração, mas mais importante, serve como uma prova histórica de que a contribuição negra para a ciência brasileira não foi marginal, mas central e fundadora, ainda que frequentemente invisibilizada. Estudar Juliano Moreira é recuperar uma parte essencial da inteligência brasileira que foi deliberadamente esquecida.

Aplicação pedagógica:

* Referência legal: A trajetória de Juliano Moreira é um conteúdo de extrema relevância para o cumprimento da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Ele exemplifica a contribuição negra em uma área de alto prestígio, a ciência médica, desconstruindo o estereótipo que limita a história negra a papéis subalternizados.

* Disciplinas:

* História: Para analisar a Primeira República, o pós-abolição e o combate ao racismo científico.

* Biologia/Ciências: Para discutir a história da medicina, a evolução dos conceitos de saúde mental

e a crítica à pseudociência.

* Sociologia: Para estudar instituições totais (hospícios), exclusão social e as relações entre ciência e poder.

* Filosofia: Para debater ética médica, o conceito de dignidade humana e a responsabilidade social do cientista.

* Faixa etária recomendada: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A complexidade de conceitos como eugenia, racismo científico e reforma psiquiátrica torna o tema mais adequado para alunos com maior capacidade de abstração e análise crítica.

* Sugestão de atividade: Dividir a turma em dois grupos. O "Grupo 1" pesquisa as ideias de Nina Rodrigues sobre raça, crime e degenerescência. O "Grupo 2" pesquisa os argumentos de Juliano Moreira sobre as causas sociais e ambientais das doenças mentais. Em seguida, o professor promove um debate simulado, como se fosse um congresso de medicina do início do século XX, onde cada grupo defende suas posições com base no que pesquisou.

* Pergunta geradora: A humanização dos hospícios, como a promovida por Moreira, era suficiente para combater o racismo estrutural que levava tantos negros para essas instituições, ou era um tratamento para o sintoma e não para a causa da exclusão?

****BLOCO 5 — Para ir mais fundo****

Artigos em acesso aberto:

* Angélico, Lucas de F., & Dantas, Cândida. (2021). The remarkable trajectory of Juliano Moreira, the black man who revolutionized psychiatry in Brazil. *Dementia & Neuropsychologia**. Acessível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8136382/>

* Facchinetti, Cristiana, & Ribeiro, Ademir. (2019). As mulheres da colônia de alienadas de Engenho de Dentro (1911-1920). *Memorandum: Memória e História em Psicologia**. Acessível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472019000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472019000200003)

* Venancio, Ana Teresa A. (2011). Ordenando a "babel psiquiátrica": Emil Kraepelin no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Acessível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Q8mdrCdrYL8RJR3RPV66csM/?lang=pt>

Fontes primárias e guias de acervo:

* Guia de Fontes e Catálogos de Arquivos da Administração da Saúde no Brasil (1808-1937): Documento do Ministério da Saúde que referencia a Lei de 1903 e os Archivos fundados por Moreira, indicando caminhos para pesquisa em arquivos públicos como o Arquivo Nacional. Acessível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/GUIA_FONTES_E_CATALOGOS.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/GUIA_FONTES_E_CATALOGOS.pdf)

Portais institucionais e universitários:

* Unicentro - Pet Física: Juliano Moreira (1872-1933). Breve biografia com detalhes sobre sua origem e carreira. Acessível em: <https://www3.unicentro.br/petfisica/2020/10/02/juliano-moreira-1873-1933/>

* Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP): Orgulho de ser psiquiatra: Dr. Juliano Moreira. Artigo de homenagem da instituição que reconhece seu legado. Acessível em: <https://www.abp.org.br/post/orgulho-juliano-moreira>

****BLOCO 6 — Notas do pesquisador****

* Nível de confiança geral: ALTO. As informações centrais sobre a carreira, as contribuições e o impacto de Juliano Moreira são bem documentadas em fontes acadêmicas e institucionais, com forte cruzamento de dados.

* Lacunas documentais: Persistem incertezas sobre detalhes específicos de sua vida, como as datas exatas de suas viagens pela Europa, números quantitativos precisos sobre os pacientes atendidos em sua gestão e pormenores de suas relações pessoais e familiares, que não eram o foco da documentação oficial da época.

* Natureza da escassez de fontes: ESCASSEZ NATURAL. A documentação existente está concentrada em sua vasta produção médica e acadêmica, o que é comum para figuras científicas do período. Não há evidências de um esforço deliberado de apagamento histórico de sua figura, dado o reconhecimento que obteve ainda em vida. A escassez diz mais respeito à sua vida privada do que à sua atuação pública.

* Controvérsias historiográficas: A principal divergência documental, embora menor, refere-se ao seu ano de nascimento. Fontes primárias e secundárias de alta qualidade indicam tanto 1872 (com data precisa de 6 de janeiro) quanto 1873. Este documento adota 1872, por ser a data mais detalhada, mas é importante reconhecer a divergência.

* Observações para uso pedagógico: A incerteza sobre a data de nascimento (1872 ou 1873) pode ser utilizada em sala de aula como um exemplo prático de como a história é construída e de como mesmo dados biográficos básicos podem ser objeto de investigação e debate entre historiadores, a partir da análise das diferentes fontes.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta
com base em pesquisa verificada.

Nível de confiança da pesquisa: ALTO

Data de produção: 24 de maio de 2024

Versão: 1.0

Mensagem da Biografia Preta

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Contato: contato@biografiapreta.com.br

Links: <https://biografiapreta.com.br>